

DESVIOS ORTOGRÁFICOS A SEMIVOCALIZAÇÃO DA LATERAL /L/ NO CONTEXTO DO ENSINO PRIVADO

André Pedro da Silva

Universidade Federal da Bahia

Yasmin Maria Macedo Torres Galindo

Universidade Federal de Pernambuco

1 INTRODUÇÃO

Os sujeitos, quando imersos no letramento, já nos primeiros anos, passam por um processo de quebra na familiaridade da língua. Estão entrando em contato com uma outra modalidade até então apenas testada, começam a imergir no campo da norma e os contatos tornam-se simbióticos e de embate à medida que avançam no conhecimento da escrita. A fala, que já está sob seu domínio, vaza para a escrita, e é por meio destes vazamentos que investigamos os processos fonéticos e fonológicos que emergem desse embate.

A criança passa por um grande processo de aprendizagem e, em um domínio ortográfico, percebe-se que o indivíduo, em fase de aquisição da ortografia, busca organizar suas próprias regras em um plano interiorizado a partir das impressões que capta do meio (MORAIS, 2003). A escrita inicial tem como ponto de partida, abundantemente, a fala; uma vez que essa representa uma instância mutável e de caráter individual, intrinsecamente marcada por vivências. Assim, a criança, nosso sujeito investigado, tende a espalhar as marcas da oralidade, que captou em seu convívio, na escrita, fazendo uma correlação entre estes dois modelos.

Partindo desse pressuposto, o do vazamento, cabe pontuar a figuração da língua falada na análise do desenvolvimento da criança enquanto sujeito. Porém, devemos ter e mente, enquanto pesquisadores da uma individualidade latente, que nem sempre foi assim, dessa forma. Faz-se necessário um primeiro panorama histórico: no século XX, com o desenvolvimento da linguística moderna, a fala ocupa o lugar de objeto de análise e a escrita é marginalizada enquanto fonte de coleta de dados para análise, por ser julgada como um constructo que simplesmente reproduzia a fala – o que hoje discordamos. Nos dias atuais, no entanto, sabemos, por meio de estudos sociolinguísticos desenvolvidos a partir da década de 1970, que a escrita e a fala possuem relações bastante complexas e que dizem muito mais do que uma mera reprodução da norma culta na língua. A escrita é um campo vasto a ser analisado.

As postulações de Luria (1986) já ressaltam que a palavra é a “célula da linguagem”, ou seja, é a base de compreensão para que os indivíduos estabeleçam interações entre si e consigo, tudo passa pela palavra para obter “existência”. Baseados nesse conceito, aludimos a Vygotsky (2009), que comprova que a palavra se desenvolve a partir da interação do sujeito com o mundo, ou seja, a partir das funções psíquicas superiores, tais como a memória, a percepção e o pensamento. De forma análoga, a palavra, no domínio da linguagem escrita, também não acontece de forma simples, não basta apenas a aquisição mecânica dos signos visuais, que aqui chamamos de letras, há uma necessidade da apropriação da subjetividade do domínio desse código, para que haja a correspondência eficiente entre grafema e fonema. Dentro dessa perspectiva, Martins (2011, p. 146) diz que “o domínio da linguagem escrita representa para a criança o domínio de um sistema simbólico altamente complexo e dependente, em alto grau, do desenvolvimento das funções psíquicas superiores do comportamento infantil”. Destarte, a escrita acompanha o desenvolvimento cognitivo da linguagem de cada indivíduo ao longo da vida. Assim, toda escolha na escrita conta a história de uma exclusão, e essa escolha diz muito da capacidade linguística de seu emissor.

Baseamo-nos ainda nos paradigmas instaurados por William Labov, na Teoria da Variação Linguística, ressaltamos o caráter heterogêneo da língua e a importância desta heterogeneidade linguística em uma sociedade que também se faz heterogênea. A língua, por sua vez, enquanto construção social, tende a se adaptar aos tempos e aos indivíduos. Aqui, interessa-nos a língua de caráter individual, a parole para Saussure, nos remotos tempos do Estruturalismo, a fala para nós; sendo assim, a língua caracteriza-se como mutante frente às diversas intervenções internas, como, por exemplo, no campo cognitivo

(psicológico) ou no campo de fatores exteriores às personas de um determinado grupo (fatores sociais).

A pesquisa aqui apresentada baseia-se, sobretudo, no método quantitativo-comparativo; ou seja, foram analisados dados estatísticos para que nossa hipótese norteadora fosse provada com totalidade. Buscamos como objetivo descrever estatisticamente a manifestação das variáveis presentes no fenômeno de semivocalização da lateral líquida /l/, com a finalidade de analisar, apreender e sistematizar essa variante nos diversos contextos, nos quais ela pode se manifestar, no nosso caso, o contexto do ensino fundamental particular; e discutir quais os fatores influem sobre seu aparecimento ou desaparecimento. Assim, foram analisados um total de 52 treinos ortográficos de frases e 52 de palavras. Para tanto, o colégio usado como campo de pesquisa, localizado no bairro do Ibura, Jaboatão dos Guararapes-PE,¹ foi escolhido previamente para a coleta de dados, oferecendo o total de 26 sujeitos femininos e 26 sujeitos masculinos, divididos igualmente para as séries do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

Dividimos em dois níveis de coleta dos treinos ortográficos, frases e palavras, para poder observar o momento de atenção e suas variações possíveis dentro do contexto de sala de aula. Assim, no treino de palavras, a ideia era a de que o aluno se preocupasse apenas com a palavra em si, feito por intermédio de um ditado de vinte palavras, todas com a manifestação da lateral em posição de coda; e um momento de espontaneidade, presente na produção do treino de frases, momento em que o informante se preocupa com todas as palavras, uma vez que estas estão contextualizadas. Dessa forma foi possível estabelecer comparações entre estilos: menos monitorado (treino de frases) e mais monitorado (treino de palavras).

Antes de investigar o evento fonético em si, traçaremos um percurso por dentro da construção no indivíduo, Panorama Socioconstrutivista, e, posteriormente, mergulharemos no fenômeno em si com o tópico Panorama Fonético: a semivocalização da lateral /l/.

¹ O bairro do Ibura é uma grande periferia constituída de diversas unidades residenciais, sendo um bairro periférico, é formado em sua maioria por indivíduos pertencentes às classes C e D, e alguns lugares de maior precariedade que constituem a classe E. Esse não é caso da unidade residencial 6, onde fica localizado o colégio campo da pesquisa. Essa escola adota um método de ensino majoritariamente tradicionalista, os indivíduos em questão estão na faixa etária entre 07 e 11 anos, não apresentando destoamentos entre o ano escolar e a faixa etária correspondente.

1.1 Panorama Socioconstrutivista

É importante também que tenhamos uma visão para além da *Hard-Science Linguistic*, é necessário que investiguemos a construção desse sujeito em meio a um contexto determinado. A partir de uma perspectiva socioconstrutivista da linguagem, podemos nos apoiar no ponto de vista explanado por Vygotsky em seus estudos sobre a linguagem, para validar o caráter estritamente ligado a meios culturais da aquisição da língua de um determinado grupo. Mas ele não exclui os processos psicológicos naturais e inatos a todo e qualquer ser humano em desenvolvimento. Assim,

Vygotsky concebe o homem e seu desenvolvimento numa perspectiva sociocultural. Contudo, referindo-se aos estudos experimentais da formação dos conceitos, o autor afirmou que “[...] a tarefa cultural, por si só, não explica o mecanismo de desenvolvimento em si, [...]” (Vygotsky, 1998, p. 73). Por meio desta afirmativa explicitou a necessidade de compreender o desenvolvimento de um indivíduo de maneira global. Noutras palavras, salientou o quão importante é verificar todas as funções implicadas nesse processo, as quais continuamente são construídas, reconstruídas e incorporadas a uma já existente ou nova estrutura, porque durante a formação dos conceitos este indivíduo aprende “[...] a direcionar os próprios processos mentais com a ajuda de palavras e signos [...]” (MIRANDA, J.; SENRA, L., 2012, p. 6).

Observada notadamente nas pesquisas de campo que abordam a aquisição da linguagem e o letramento, inclusive numa pesquisa dessa temática, realizada pelo Projeto Relação entre Fala e Escrita – REFALES,² a teoria de Vygotsky faz-se presente junto à sociolinguística de Labov, já que um indivíduo “X”, ainda que dotado de suas totais capacidades psíquicas e cognitivas, tem na cultura em que é imerso o potencializador das descobertas da linguagem.

Esse ambiente propício ao treino e ao teste da língua com finalidade de aperfeiçoamento é encontrado nas séries iniciais do ensino básico e fundamental escolar. A criança imersa e participante de um ambiente escolar sadio passará pelos testes de linguagem e aperfeiçoará sua língua, tanto escrita como falada, aproximando-se cada vez mais da norma padrão vigente numa sociedade.

Língua também é cultura, sendo assim, aperfeiçoar-se tal qual a norma vigente, nesse caso, do Português Brasileiro (doravante PB), é adentrar na comunidade e tornar-se parte dela. No percurso que a criança faz até o aperfeiçoamento

² *O processo de Harmonização Vocálica Nominal na escrita de alunos do Ensino Fundamental de escola pública na cidade de Jaboatão dos Guararapes-PE*, pesquisa realizada sob o intermédio do programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), custeado pela FACEPE, realizada nos anos de 2014-2015.

de seu uso linguístico, ela flerta com diversas variantes linguísticas, conceituadas por Tarallo (1986, p. 8) como sendo “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Segundo Tasca (2002),

[...] a variação, embora aparentemente caótica e aleatória, constitui um objeto de estudo científico, uma vez que heterogeneidade das línguas é imanente às mesmas, podendo ser prevista e sistematizada. Uma das metas dos estudos da variação é descrever e explicar os usos alternantes, indicando seu caráter ou de mudança ou de progresso (TASCA, 2002, p. 17).

A variação é nosso objeto de observação e figura para Tasca (2002) como sinalizadora do progresso do desenvolvimento interno da língua, vemos claramente o intrínseco relacionamento da sociolinguística com a psicologia do desenvolvimento.

Nas séries iniciais, o indivíduo começa a testar a língua com a finalidade de acomodá-la em sua mente, ou seja, uma criança testa as diversas variantes que lhe são possíveis, cabendo ao professor e/ou instrutor de aprendizagem corrigi-la. A tendência de testagem nas séries iniciais é associar a fala à escrita. Logo, crianças menores que adquiriram a escrita recentemente tendem a harmonizá-la com a fala, sendo a fala a guia das escolhas variacionais dos indivíduos em processo de letramento. Novamente, fazendo um pouso na psicologia do desenvolvimento, Santos afirma que:

[...] o processo de aquisição da fala, nas crianças, é um processo de aprendizagem das regras de um jogo de linguagem. Nesse caso, o jogo é o próprio ato de pronunciar as palavras. Ele observa que existem formas corretas e erradas de pronunciar as palavras e que estas formas são estabelecidas pela cultura. Quando começa a falar, a criança geralmente pronuncia as palavras de um modo errado, do ponto de vista cultural. Por isso é preciso ensinar a criança a pronunciar as formas corretas das palavras. Portanto, desde o início do processo de aquisição da fala a criança encontra-se mergulhada em um jogo de linguagem – neste caso, o ato de falar – e na cultura (SANTOS, 2008 apud WITTGENSTEIN, 1978, p. 165).

Usando como base o pensamento de Wittgenstein acerca da aquisição dos mecanismos da fala, podemos concluir que a aquisição da escrita não se faz de forma muito diferente, o espelhamento fala-escrita é natural, como vai nos apontar Mollica (1998) ao dizer que:

As crianças são praticamente categóricas até dois anos mais ou menos. Os processos variáveis e cancelamento ou inserção de segmentos em estruturas silábicas quase não apresentam alternância nos primeiros estágios, porque os nativos em qualquer língua

realizam padrões silábicos simples do tipo V e CV no início da aquisição linguística, [...]. Em geral o processo de auto-correção se responsabiliza pela solução da maioria dos vestígios de oralidade que venham a permanecer na escrita, quanto maior o grau de experiência com a modalidade escrita é mais elevado o nível de escolarização. Mas cada regra variável tem peculiaridades quanto à sua gênese na língua falada, fato que deve ser levado em conta de forma particularizada em trabalho que considere a relação fala e escrita sob um enfoque aplicado (MOLLICA, 1998, p. 20).

Logo, a criança testa as diversas possibilidades de transcrever o que fala e ouve, e esse jogo da linguagem falada com a linguagem escrita resultará nas diversas formas de escrever uma mesma palavra, numa tentativa de decodificação desse som.

Sendo assim, as variantes, segundo Labov, existirão em dois contextos: na coocorrência, quando duas formas são usadas ao mesmo tempo, observada, sobretudo, em momentos do letramento mais iniciais, momento em que as crianças testam as diversas formas de escrever a mesma palavra; e na concorrência, quando as duas formas ocorrem tanto a variável quanto a padrão, ambas com o valor de verdade, mais comum quando o processo de letramento ou obteve êxito, no caso do uso da norma padrão, ou fracasso, no caso da insistência na variável.

Tendo esclarecidos os diversos processos pelos quais a criança passa ao longo da jornada de adquirir a língua falada e a escrita, o presente trabalho preocupar-se-á com o estudo das expressões variacionais encontradas no fenômeno de semivocalização da lateral /l/, transformando-a em /w/, natural na língua falada. A transformação escrita será expressa pela substituição da consoante líquida /l/ pela vogal alta *u*.

1.2 Panorama Fonético: a semivocalização da lateral /l/

A semivocalização da lateral em coda silábica passa longe de ser uma manifestação variável recente, ela figura desde o latim na constituição da língua e supõe-se que a passagem do *l* para o *u* exista desde a passagem do latim clássico para o vulgar. A busca pela imitação do *sermo urbanus* pelo *sermo vulgaris* resulta pela primeira vez nessa semivocalização da lateral. Teyssier aponta para o ressurgimento desse movimento na língua quando o PB já é semiconstituído. Dessa maneira, a semivocalização passa a ser uma sinalização do distanciamento do PB do Português de Portugal (PP), que preserva a pronúncia velar da lateral.

A líquida /l/ é observada nas posições de *onset* (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o glide [w]. E é a líquida /l/, na posição de coda, que vai nos interessar neste estudo, justamente por ser produzida como glide /w/ de sonoridade igualitária, a vogal alta /u/ tende a associar à vogal *u* os méritos da consoante líquida *l*, como, por exemplo: ca[l].da ~ ca[w].da; ca.na[l] ~ ca.na[w].

Essa consoante líquida obtém esse nome justamente pelo seu caráter mutável, sendo a única, segundo Dickey (1997), a possuir todos os pontos de articulação do aparelho fonador em diversas línguas do mundo. A líquida /l/, além de vocalizada, como em cana[w], pode ser velarizada, como em cana[ɣ], ou apagada, como em cana[Ø], como ressaltam De Pinho e Margotti (2010), ao analisarem as ocorrências da /l/ em coda silábica nas capitais brasileiras; dessa forma, há, em todo o Brasil, a manifestação da variante e do apagamento, porém a velarização do /l/ em coda final como em cana[ɣ] vai se restringir ao sudeste e, principalmente, ao sul. Crê-se, haja vista estudos anteriores, que as vogais anteriores à lateral é que ditarão o comportamento dessa lateral no contexto escrito. Acredita-se nisso porque, segundo Silva e Sedrins (s.d.), em um estudo sobre o comportamento variacionista do segmento lateral na escrita das séries iniciais de crianças de Serra Talhada-PE, apontaram que:

[...] entre os fatores linguísticos, o fator mais significativo que condiciona a vocalização da lateral é a variável tipo de vogal precedente, conforme evidenciado em Tasca (2002), onde tal variável mostrou-se bem relevante. A tendência revelada pelos dados da pesquisa evidencia que os alunos tendem a preservar o segmento e a vocalizá-lo diante das vogais baixas: baixa [a], da média baixa [E], e da vogal alta [i] confirmando a influência da qualidade dessas vogais na vocalização da lateral na coda. Já em relação à vogal média alta [o], a pesquisa mostrou que o segmento é favorável ao apagamento (SILVA, J.; SEDRINS, A., s.d., p. 1).

Nosso estudo, guiado à luz da literatura aqui explicitada, parte para a investigação da vocalização da lateral /l/, em posição de coda, na escrita de crianças participantes da rede do ensino particular, diferentemente da pesquisa citada anteriormente realizada por Silva e Sedrins (s.d.).

A seguir, apresentaremos os resultados quantitativos de nossa pesquisa. Ali, os dados obtidos serão expostos, comparados e analisados de modo a comprovar nossas hipóteses apresentadas no panorama introdutório.

2 RESULTADOS E ANÁLISES

Apresentar-se-ão aqui a catalogação dos resultados, bem como a análise desta pesquisa, a qual se dividiu em dois grupos: Fatores Fonológicos e Fatores Sociais, pois sabemos, anteriormente, que ambos se completam na aquisição da linguagem. Como bem pontua Tasca (2002), “a variação, embora aparentemente caótica e aleatória, constitui um objeto de estudo científico, uma vez que a heterogeneidade das línguas é imanente às mesmas, podendo ser prevista e sistematizada”. É justamente essa sistematização das congruências e pontos críticos que nos propomos aqui.

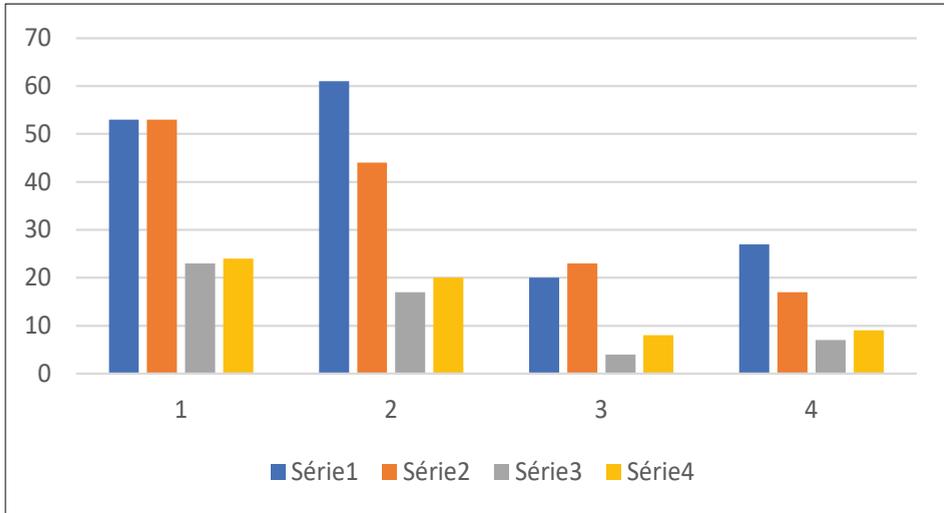
2.1 Fatores Fonológicos

Antes de direcionar nosso foco para a posição do /l/ em final de sílaba, posição de coda, é necessário observarmos a manifestação do surgimento da líquida lateral no falar infantil.

Em geral, as consoantes laterais surgem primeiro, e são, grosso modo, consoantes articuladas que, ao serem produzidas, emitem o ar pelas laterais da língua ao invés de pelo centro da língua que é o movimento de escape de ar mais comum. São líquidas laterais o /l/ e o /ʎ/. Segundo Wiethan, Melo e Mota (2011), ao tratarem das consoantes líquidas, o /l/ ainda vai apresentar sobre o /ʎ/ maior facilidade de produção, sendo a primeira das laterais líquidas a ser internalizada, entre os 2:8 e 3:0 anos de idade.

Prosseguindo debruçados aos estudos dos desvios fonológicos possíveis das consoantes líquidas, Wiethan, Melo e Mota (2011) perceberam, após o levantamento dos seus dados, que o fonema /l/ apresentará maior índice de produções corretas, sendo pouco ou nunca acometido pelo que chamaremos de estratégias de reparo. E, ao analisarmos treinos ortográficos que tratem da posição do /l/ em coda final e medial, o parâmetro mudará, dependendo de fatores linguísticos presentes na sílaba analisada, o /l/ pode ser vocalizado ou até mesmo, apagado. Desse modo, deparar-nos-emos com o que se chamará de estratégia de reparo vocalizada. Observemos a manifestação do fenômeno de semivocalização em escrita, quando levamos em conta o contexto, as palavras ou frases, a escolaridade e, sobretudo, a posição do /l/ na sílaba:

Gráfico 1 – Variante [w] na posição silábica (coda final ou medial) em contexto (palavra ou frase).



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

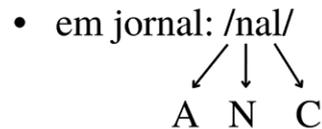
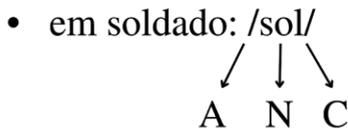
Tasca (2002) pontua que a realização dessa semivocalização nos estudos, sobretudo, realizados no Sul, foi vista durante muito tempo como inexistente, apenas o *l* velar /ʎ/ e o dental /l/ eram entendidos como possíveis. Isso desponta para a visão da diferença dos falares das regiões, como sabido, as vogais no território nordestino são pronunciadas mais abertamente; o gráfico anterior afirma essa existência da variante [w] abundantemente e alinha-se com o pensamento de Câmara Jr:

[...] além do movimento da ponta da língua junto com os dentes, há um levantamento do dorso posterior da língua para junto do véu palatino, dando o que provavelmente os gramáticos latinos chamavam o *l* pinguis ou “gordo”. Daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica chama-se “vocalização” da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico, mal torna-se homônimo de mau, vil de viu e assim por diante (CÂMARA JR, 1973, p. 51).

Outro ponto a ser observado no gráfico é a predominância da semivocalização quando se trata de coda medial, pois a pronúncia da lateral fica acentuadamente vocalizada quando, após seu aparecimento, existe outra consoante, como bem exemplificamos nos exemplos retirados dos treinos de todas as séries analisadas:

- (1) Aluno 6, 2º ano, 6 anos: ta[w]co (sic)
- (2) Aluno 10, 3º ano, 7 anos: ca[w]deirão (sic)
- (3) Aluno 14, 4º ano, 8 anos: pa[w]co (sic)
- (4) Aluno 3, 5º ano, 11 anos: sa[w]chixa (sic)

Ao deparar-se com as palavras usadas nos treinos de coleta de dados como: soldado [sow'dadu] (coda medial) e jornal [joh'naw] (coda final), haverá a tentativa por parte da criança em teste de reparar vocalicamente a dúvida do uso da consoante /l/, trata-se, então, do /l/ entendido como glide /w/. Observemos a análise das sílabas que apresentam esse fenômeno³:



Em “soldado”, após o núcleo /o/ (vogal média baixa), há a expectativa do predomínio do apagamento do /l/ em posição de coda na transcrição ortográfica da palavra, resultando em “sodado” (Aluno 5, 2º ano, 6 anos) que pode também ser entendido como apagamento de coda, já que se forma, assim, um som homorgânico. Tal apagamento também foi observado por Silva e Sedrins (s.d., p. 6), quando afirmam que “[j]á em relação à vogal média alta [o], a pesquisa mostrou que o segmento é favorável ao apagamento”. Crê-se, com isso, que a proximidade sonora da vogal média alta /o/ com a vogal alta /u/ seja o maior fator causador desse apagamento, já que a estratégia de reparo vocalizada é a transformação ortográfica do /l/ em /u/, ambos elementos labiais.

Porém, no caso da nossa pesquisa, comparando o aparecimento da semi-vogal com o zero fonético, a primeira mostra-se muito mais presente, como em “soudado” (Aluno 10, 3º ano, 7 anos) e essa escolha acontece mais uma vez pela enunciação da vogal na região que é aberta. O apagamento do /l/ fica muito mais evidente quando tratamos da palavra “multidão”, exatamente pelo contexto precedente tratar-se de uma vogal alta, como afirmam Silva e Sedrins (s.d.):

- (5) Aluno 6, 2º ano, 6 anos: mu[ø]tidão
- (6) Aluno 10, 3º ano, 7 anos: mu[ø]tidão

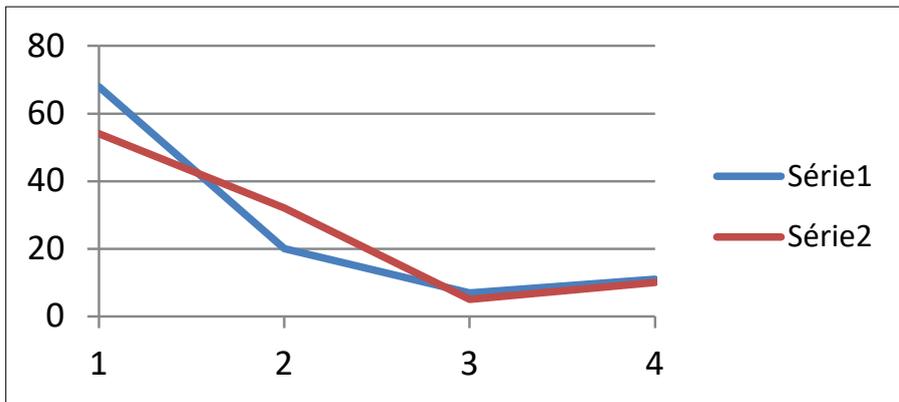
³ Leia-se: A por Ataque; N por Núcleo e C por Coda.

(7) Aluno 14, 4º ano, 8 anos: mu[ø]tidão

(8) Aluno 3, 5º ano, 11 anos: mu[ø]tidão

A seguir, veremos o gráfico geral do apagamento, salientamos que o maior número de apagamento veio de sílabas formadas pela vogal alta *u*, como dito anteriormente nos exemplos. No gráfico, observaremos como se comporta o zero fonológico levando em consideração variantes, como o tipo de treino e o tipo de coda.

Gráfico 2 – Manifestação do zero fonológico – Apagamento da lateral quanto aos tipos de treinos ortográficos.

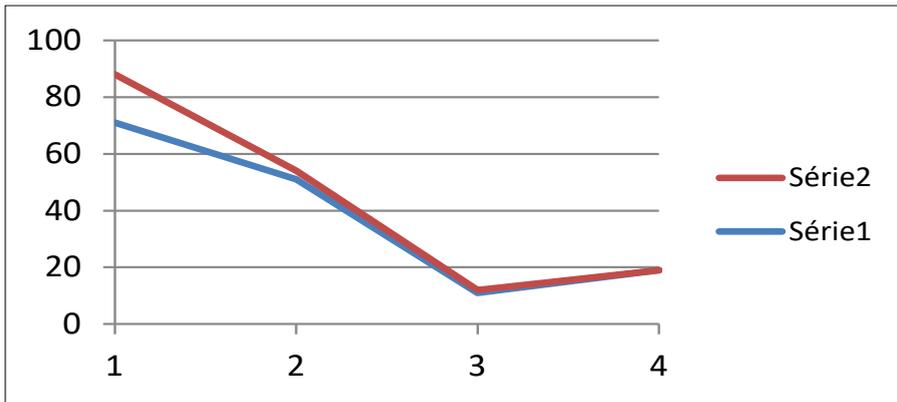


Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

O Gráfico 2 demonstra a diferença estatística da manifestação da variação dentro dos contextos palavra e frase, a saber. Dessa diferença, com a menor manifestação do apagamento quando no contexto espontâneo (frase), pode-se teorizar que as crianças usem mais de seus conhecimentos internalizados, quando estas se encontram à vontade, por exemplo, não há a repetição do vocábulo visando corrigi-lo. Dessa forma, o mecanismo da hipercorreção não é usado. Já em nível de palavras, há a repetição em busca do aprimoramento, e nessa tentativa de perfeição, pode-se perder ou ganhar fonemas, nesse caso, acarreta a perda.

Ainda embasados na questão do apagamento, passemos agora à observação da manifestação da variante zero levando em consideração sua posição na palavra, se em coda medial ou final.

Gráfico 3 – Manifestação do zero fonológico – Apagamento da lateral quanto ao tipo de coda.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

Já em palavras como “jornal”, o /l/ aparece em posição de coda final e é abraçado pela nossa hipótese da estratégia vocalizada. Ou seja, o /l/, uma vez que foneticamente transcrito, transforma-se em glide que ortograficamente transformar-se-á em vogal alta *u*, resultando na variável “jornau” (Aluno 9, 2º ano, 6 anos). A manifestação escrita da vogal alta *u* e seu potencialmente inexistente apagamento, diante de um núcleo silábico que contenha uma vogal baixa, dar-se-á, supõe-se, pela oposição sonora de *a – u* e pela inexistência de uma consoante após seu aparecimento, como no exemplo anteriormente mencionado.

Hora (2006), em pesquisa semelhante a esta aqui apresentada, chegou à conclusão de que o fator contexto fonológico precedente seria mais atuante na manifestação da variação do que os fatores sociais:

Embora o apagamento da lateral em posição final possa atingir qualquer uma das vogais que preenchem o contexto fonológico precedente, ele será estigmatizado entre as pessoas escolarizadas, exceto se essa vogal for [u]. Em interior de palavra, o apagamento só ocorre se o contexto fonológico precedente for uma vogal posterior, incluindo a vogal [o]. O mesmo não acontece com as demais vogais, que resultarão em itens mal-formados (HORA, 2006, p. 12).

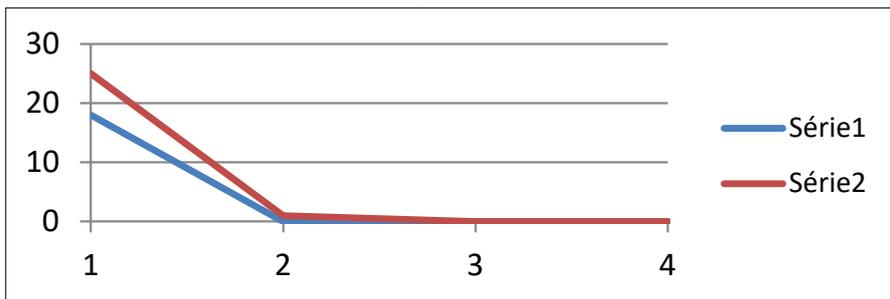
A tendência do /l/ pós-vocálico em regiões do nordeste (cf. HORA, 2006; SILVA; SEDRINS, s.d.) é ser vocalizado, uma vez que as crianças em fase de aprendizagem e letramento, sobretudo, em séries iniciais, tendem a adequar a escrita à sonoridade, fazendo uso da estratégia de reparo vocalizada. A criança ainda não tem cristalizada cognitivamente a noção linguística de que o /l/ pode representar não somente um fonema alveolar, mas também um fonema vocal, já

que /l/ em posições pós-vocálicas, de coda medial e final, em regiões do nordeste é pronunciado tal qual um *u*. Porém, essa regra não valerá para todo o território nacional, sobretudo na região sul do Brasil, em que se detecta outra manifestação do /l/, fato este que foi sabiamente observado por Câmara Jr.:

[...] o contraste entre /l/ e /w/ depois de vogal não deve ir ao ponto de se articular o /l/ depois de vogal exatamente como o /l/ antes de vogal. Salvo no extremo sul do país, esta pronúncia indiferenciada soa anômala, e dá a impressão de haver um ligeiro /i/ depois do /l/ de maneira que uma palavra como *cal* quase se confunde com *cale* ou *mel* com *mele* (CÂMARA JR., 1973, p. 31, grifos do autor).

Outro fenômeno encontrado na análise dos dados pesquisados foi o aparecimento da vogal /o/, majoritariamente em posição de coda, no final de palavras, sobretudo nas séries iniciais. Mas, essa tende a desaparecer rapidamente com o avanço do letramento e da internalização da Língua Portuguesa. Esse fenômeno mostrou-se bem específico do nosso estudo e, após a análise das suas manifestações, chegamos à conclusão de que acontece uma alofonia.⁴ Observemos o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Surgimento da variável /o/.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

Assim, a noção de que o que deve ser transcrito é a semivogal /w/ acaba levando as crianças a optarem pelo fonema /o/, que pode também possuir a manifestação /w/, como em *ovo* [‘ovw]. Logo, a criança transforma o /l/ em /w/ e opta por transcrevê-lo com o fonema /o/, representado pela vogal *o*, como em “*varao*” ~ *varal* e “*paoco*” ~ *palco*. Passemos agora aos Fatores Sociais.

⁴ Fenômeno pelo qual diferentes variantes, ou alofones, apresentam equivalência funcional, podendo ocorrer em **distribuição complementar** ou variação livre. No português, um exemplo de alofonia seria a palatalização ou africacão das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes da vogal [i] (SILVA, 2011, p. 53).

2.2 Fatores Sociais

Além dos fatores linguísticos referentes à posição do /l/ da sílaba fonética, são os fatores culturais notadamente influentes a esta variação, tal qual discutida anteriormente e apoiada em questões socioconstrutivistas (cf. MIRANDA; SENRA, 2012; SANTOS, 2008). Os fatores culturais manifestar-se-ão quando levados em conta fatores de contexto de aplicação do teste e de nível de alfabetização.

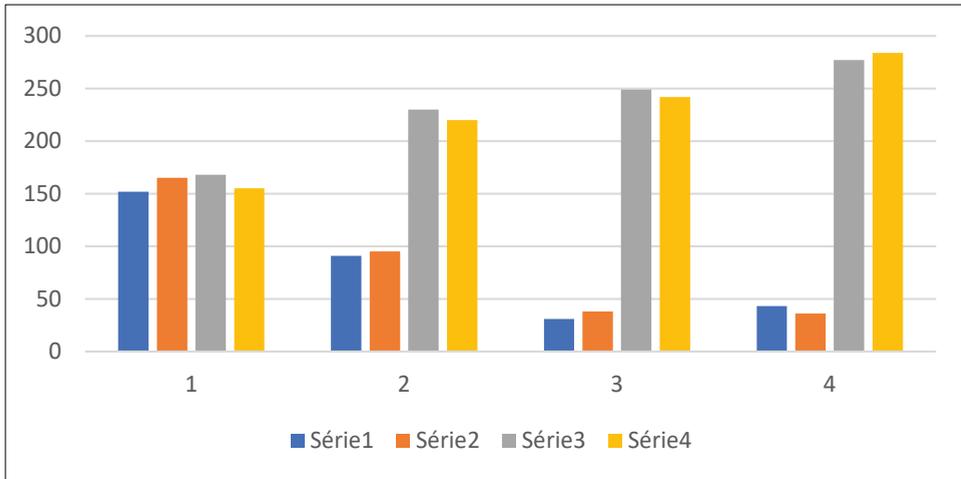
2.2.1 Variável Escolaridade

Sabe-se que a construção cognitiva da escrita visa esse gradual afastamento da fala, já discutido no presente artigo. Tais resultados obtidos resultam num entendimento que ainda que profundamente ligadas, a fala e a escrita muitas vezes não são correspondentes entre letra-som. A grafia corresponde a um sistema análogo, porém, não gêmeo da oralidade. A criança então, com a ajuda da escola, passa a compreender as duas formas de manifestação da língua, não como unas, mas como dependentes. Sobre esse amadurecimento gradual, Pedrosa e Nascimento (2014) são pontuais ao afirmarem que:

[...] o processo de escrita apresenta um grau considerável de dificuldade para a criança no início de sua aquisição. Isso porque o nosso sistema de escrita apresenta dois tipos de organização. O primeiro deles é baseado na proposta alfabética, em que há uma correlação entre a fala e a escrita e o segundo, que diz respeito a uma sistematização ortográfica, que busca anular a variação linguística e propõe uma normatização sem tomar por base a oralidade. Dessa forma, a criança precisa sistematizar dois tipos de conhecimentos: um em que pode fazer uso de conhecimentos prévios advindos da oralidade; outro do qual só terá conhecimento a partir da alfabetização (PEDROSA; NASCIMENTO, 2014, p. 3).

O fator escolaridade também está ligado à cultura. O tipo de escolaridade do informante fala não somente dele, mas também do grupo social a qual pertence. Esse trabalho propõe-se, sobretudo, comprovar que cada vez que uma criança ascende uma série do ensino básico, sua escrita afasta-se mais da fala, ou seja, nas séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos da fala e, na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003, 2007; MARCUSCHI, 2008; FARACO, 2012). Como pode-se observar no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Variável Escolaridade.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

Idade e nível de escolarização, principalmente, no eixo social escolhido para a coleta, o eixo particular de ensino, estão mais interligados. As crianças do ensino fundamental I (2^o a 5^o ano) demonstram uma homogeneidade quanto à idade dos informantes. Todos seguem uma faixa etária parecida, sem grandes discrepâncias por grupo. E o desaparecimento do uso da variável segue o fluxo esperado sem maiores problemas de aquisição da língua padrão.

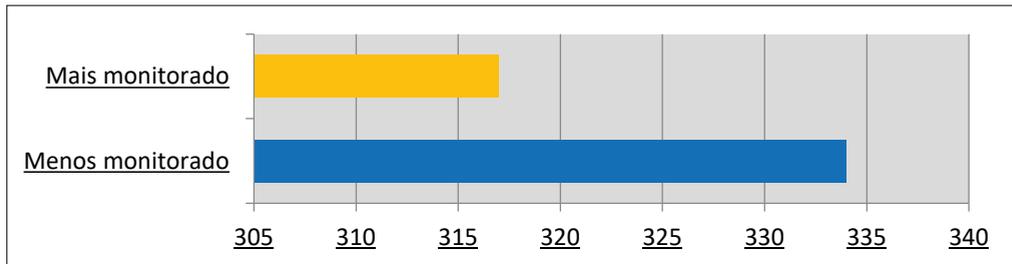
2.2.2 Contexto de Aplicação

A escolha pela aplicação dupla dos testes que geraram os resultados da pesquisa não foi feita de forma arbitrária. Sendo assim, a escolha por essa modalidade de coleta de dados teve como finalidade observar o comportamento das crianças frente às escolhas possíveis.

O pesquisador teve como ferramenta o uso de dois tipos de ditado: um que contava com uma atividade voltada para a completude de frases, contendo imagens, visando à criação de um ambiente mais espontâneo e livre para as escolhas, onde o pesquisador adotou uma abordagem mais lúdica; e o segundo tipo que denotava mais seriedade, logo, menos espontâneo, visto que as crianças careciam de um maior isolamento das interações com os outros, e no qual foi cobrado silêncio e concentração, além de não contar com o uso de figuras ou com a postura lúdica do pesquisador. Nesse caso, utilizamos o ditado de palavras, método já largamente usado pelos professores no processo de letramento das séries iniciais, inclusive, peculiarmente, método amplamente usado na escola pesquisada.

As palavras usadas em ambos os treinos foram as mesmas, todas com a possibilidade da manifestação da semivocalização do /l/, divididas em dois grupos, o primeiro com o /l/ em posição de coda medial: caldeirão, soldado, multidão, palco, filme, culto, salsicha, fralda, talco, algodão; e, em posição de coda final: jornal, cristal, temporal, varal, legal, hospital, cereal, farol, curral, anzol. Observemos a eficácia dos dois tipos de contexto no uso da variante:

Gráfico 6 – Contexto de Aplicação – Tipo de Ditado.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

Sabendo-se dos contextos abordados pelo pesquisador na execução do trabalho, nota-se que o ambiente “menos monitorado”, o ditado de frases, abriu mais espaço, embora com diferença de, mais ou menos, 5%, para o uso da variante. Sendo assim, as crianças, em sua maioria, cometeram mais variação (apagamento ou semivocalização) e, conseqüentemente, menos escolhas de acordo com a norma padrão. Vale frisar novamente que já havia o costume do uso de ditado como estratégia de fixação da aprendizagem linguística, logo, acredita-se que esse costume com o método tenha sido o responsável pela maior escolha pela norma padrão na modalidade de contexto mais monitorada.

Após a discussão e análise dos resultados com que trabalhamos, esse trabalho buscou provar todas as hipóteses aqui levantadas, a fim de validar os pressupostos teóricos debatidos à luz da literatura utilizada. Buscamos, sobretudo, a regularidade (*reliability*) e a intersubjetividade (*intersubjectivity*), características de trabalhos que lidam com o mesmo campo de coleta (cf. BAILEY; TILLERY, 2004 apud LEAL, 2015).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta análise, concluímos, com êxito, o que diz respeito à nossa hipótese fundamentadora. Comprovamos, assim, que, em séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos da fala e na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta (cf. MORAIS,

2003, 2007; MASSINICAGLIARI; CAGLIARI, 2008; MARCUSCHI, 2008; FARACO, 2012; ZILLES; FARACO, 2015). Essa conclusão mostra-se geral no âmbito variacionista e foram também discutidos, teorizados e provados os pontos seguintes:

- Embora a líquida lateral seja um dos primeiros fonemas internalizados na infância no âmbito da fala, a questão da escrita do segmento esbarra no nível de maturidade linguística: os sons produzidos pelo /l/, tendem a variar nas séries iniciais, criando assim a forma [w], e, só com o aprimoramento da escolaridade, essa escrita tende a harmonizar-se com a norma culta.
- Como já constatado em pesquisas anteriores realizadas por nosso grupo de estudos (REFALES), o contexto mais monitorado obteve maior êxito no uso da norma padrão, porém, em contrapartida, em pontos críticos, como o do apagamento do /l/, obteve mais uso da variante zero, como em mutidão ~ multidão e anso ~ anzol. Quantitativamente, foram observados 68 casos no 2º ano no ditado de palavras (contexto mais monitorado) contra 54 casos de apagamento no mesmo ano no ditado de frases (contexto menos monitorado). Acusa-se o uso da hipercorreção resultante de um contexto onde se tem mais cobrança do acerto.
- Apontou-se aqui o aparecimento quase inédito da variante /o/ nas séries iniciais, que está intimamente próximo com a ligação do som da líquida lateral em posição de coda medial e final com a grafia do /u/, gerando assim um ambiente propício para a alofonia, como nas manifestações observadas em: varao ~ varal e em paoco ~ palco.
- Por fim, no contexto fonológico, provou-se que a manifestação da semivocalização mostra-se mais abundante quando se trata de coda medial, pois, de tal maneira, a consoante seguinte força essa semivocalização, como em: tauco ~ ta[w]co (talco), no 2º ano; caudeirão ~ ca[w]deirão (caldeirão), no 3º ano; pauco ~ pa[w]cu (palco), no 4º ano; augodam ~ a[w]godão (algodão), no 5º ano.

Chamemos a atenção também para a importância da incorporação desse material ao corpus da literatura que postula sobre as variações fonológicas, primeiramente, pela inovação no trato de determinadas variantes e a ligação delas ao aparecimento da semivocalização da líquida lateral /l/.

E, em segunda instância, a importância deste estudo, somado aos já existentes, pois o cânone bibliográfico variacionista tende a se repetir e a se limitar aos mesmos autores. É tamanha a importância de novas visões, de novos autores sobre as manifestações linguísticas; inclusive, quando se trata de estudos linguísticos realizados no nordeste brasileiro. Isso porque os falares daqui (Nordeste), em comparação aos do Sul, principalmente em relação ao nível fonológico, costumam ser demasiadamente diferenciados uns dos outros. Portanto, faz-se mais do que necessário esse debruçar-se sobre as manifestações variacionistas nordestinas.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- DE PINHO, Antônio José e MARGOTTI, Felício. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. DOI:10.5007/1984-8420.2010v11n2p67. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 67-88, mar. 2011. ISSN 1984-8420. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p67/17634>. Acesso em: 11 jun. 2017.
- DICKEY, Laura Walsh. *The Phonology of Liquids*. Amherst: GLSA, 1997.
- ESPIGA, Jorge. *O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem Escrita e Alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HORA, Dermeval. *Variação da Lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LEAL, Eneida de Goes. *A Lateral em Coda no VARSUL: Generalização de resultados e possibilidades de comparação*. *ABRALIN*, v. 14, p. 271-294, 2015.

- LURIA, Alexandr Romanovich. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da Fala para a Escrita: Atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARTINS, Lígia Márcia. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.
- MIRANDA, Josete; SENRA, Luciana. Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. *Psicologia.pt*, p. 1-16, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília. Influência da Fala na Alfabetização. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003.
- MORAIS, Artur Gomes (org.). O aprendizado da Ortografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PEDROSA, Juliene Lopes; NASCIMENTO, Jefferson. Vocalização da consoante lateral /l/ em posição de coda na modalidade de escrita: um estudo sociolinguístico. UEPB, [s.d.].
- QUEDNAU, Laura. A Lateral Pós-Vocálica no Português Gaúcho: análise variacionista e representação não linear. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SANTOS, Ivanaldo. Wittgenstein e a importância dos jogos de linguagem na educação infantil. *Educação & Linguagem*, v. 17, p. 160-167, 2008.
- SILVA, Thaís Cristóforo. Dicionário de Fonética e Fonologia. São Paulo: Contexto, 2011.
- SILVA, José Robson; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. Comportamento Variacionista do Segmento Lateral na Escrita das Séries Iniciais de Crianças de Serra Talhada-PE. UAST/UFRPE, [s.d.].
- TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
- TASCA, Maria. A Lateral em Coda Silábica no Sul do Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TASCA, Maria. Interferências da Língua Falada na Escrita das Séries Iniciais: o papel de fatores lingüísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].

VYGOTSKY, Lev. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

WIETHAN, Fernanda; MELO, Roberta; MOTA, Helena. Consoantes Líquidas: ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico. Revista CEFAC, v. 13, n. 4, p. 607-616, jul./ago. 2011.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.). Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.